

vem tratado no capítulo IV. Haveria, segundo o A. três categorias de maravilhoso: 1. — o puramente maravilhoso não motivado e inexplicável, como a lança flamejante em *Le Chevalier de la Charrette* (Lancelot) de Chrétien de Troyes, ou barcas movidas sem timoneiro e animais que falam; 2. — o estritamente mágico que mostra o maravilhoso controlado pelo homem, como o dom das línguas e anéis conferindo invisibilidade e 3. — o milagroso, que seria o maravilhoso controlado por Deus e consistiria nos milagres, mais frequentes no Ciclo do Graal.

Considerando que abandonou critérios cronológicos e geográficos, teve o A. o cuidado de inserir antes das bibliografias, uma elucidadora nota histórica dos romances ingleses e franceses. A bibliografia considera Textos, Antologias e Versões como matéria primordial e arrola, por autores, as escrupulosas edições cotejadas. Como material secundário, também por autores, seguem-se os estudos a respeito das obras medievais. A autoridade dos autores consultados impõe ainda mais o valor da obra, cuja seriedade atesta. Por fim, um índice de referências comprova a abundância de exemplos e citações.

A conclusão a que chega John Stevens, no epílogo, é que

“in the Middle Ages, romance — at least for the chosen few — was part of way of life” (p. 236).

É preciso reconhecer que os objetivos que o livro se propôs foram atingidos e, para o estudioso da Idade Média já familiarizado com os textos, abrem-se-lhes muitas perspectivas de análise, e embora o título pareça orientar-se a interessados na Literatura Medieval, não se pode esquecer que a realidade referida o torna útil e necessário ao historiador.

HEITOR MEGALE.

* *

*

FOURQUIN (Guy). — *Les soulèvements populaires au moyen âge*. Collection SUP — “L’Historien”. Presses Universitaires de France. Paris, 1972. 216 páginas, in 16°. (10 x 23 cm.).

A coleção SUP compreende diversas secções, sendo que a “histórica” é dirigida por Roland Mousnier. Guy Fourquin, é Professor da Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Lille, próxima à região que presenciou acontecimentos narrados no livro. Do mesmo e ainda na mesma coleção temos *Seigneurie et féodalité au Moyen Âge*.

A obra em linhas gerais pretende ser uma introdução ao problema, onde num rápido exame são caracterizadas situações peculiares de conflito na Idade Média. Embora certos pontos bem tratados fundamentem o trabalho, constantes críticas a diversos aspectos da obra de Marx acabaram se constituindo em divagações, distraindo constantemente o leitor.

Na introdução, o autor explica porque utilizou o termo *sublevação* e rejeitou o de *revolução*. Isto é devido a este último significar:

“un grand bouleversement mettant en haut ce qui était en bas et inversement” (página (5)).

Foi necessário escolher um outro vocábulo mais compatível com a Idade Média. O qualificativo *popular*, pretende limitar a obra, excluindo dela os movimentos dirigidos pelos nobres, onde camadas não superiores da sociedade não desempenharam nenhum papel ativo.

A obra se divide em duas partes; Problemática e Tipologia. A primeira com quatro capítulos e a última com três.

Na Problemática pretendeu o autor apresentar uma base teórica para compreensão dos movimentos evocados. São abordados os mitos de grande repercussão, examinando sucessivamente o do milenarismo, o do Anticristo e o do Imperador dos últimos dias, além da Idade do Ouro, que esclarecem profundamente esses movimentos. Há uma certa dificuldade de entender o clima que propiciou tal misticismo, de expansão às vezes incrivelmente rápida, na época, o porque da tal credulidade que fazia multidões seguirem impostores que afirmavam serem Balduino ou Frederico II, mas isto, pelo menos a *grosso modo* poderia ser entendido pela espera da Salvação. É interessante a localização dos mitos mesmo na época moderna.

O sentido de movimentos sociais e as transformações pretendidas muitas vezes são a volta ao passado, parecendo situar os movimentos como saudosistas.

Em alguns casos, como por exemplo a revolta de Wat Tyler (1381), onde o desprezo das riquezas fica caracterizado pelo incêndio do palácio da Savóia com todas as riquezas. Novamente as litimações da sociologia de nossos dias, são colocadas em destaque para interpretações da época.

A sociedade de Ordens, é analisada, na busca dos agentes dos levantes, sendo o papel das corporações de ofícios importante. Uma sociedade que se transforma marginaliza indivíduos, e estes marginais, presas fáceis de “furrores”, são importantes agentes em levantes e agitações urbanas, trazendo às vezes situações de caos, combatidos então pelo povo, burguesia e nobres aliados, embora inimigos na situação anterior.

As elites, tem seu papel nas revoltas, e nas de maior amplitude, com sua capacidade de organizar e compreender. A sociedade medieval é apresentada como possuindo relativa mobilidade social, onde a Igreja tinha importante papel dinâmico e, como líderes das revoltas, encontramos diferentes personalidades burguesas como Artevalde, de Gand, e Etienne Marcel, em Paris, religiosos como John Ball, de Londres, e nobres deserdados como Eudes de L'Etoile, em revoltas com características distintas. A apresentação dos chefes, como bons oradores, além de outras características é uma apreciação incompleta, devida principalmente ao enorme espectro de movimentos a sintetizar.

A segunda parte, a Tipologia, constitui uma tentativa, o que é ressaltado por Fourquin, para classificar os levantes medievais. Esta tipologia pretende classificarr os levantes ligados aos problemas da mobilidade social ou circulação de elites e revoltas ligadas à conjuntura.

Os movimentos messiânicos, revestem-se por vezes de caráter de uma contra-sociedade, devido ao fato de serem seus valores totalmente contrários aos da sociedade da época. Numa época em que, de acordo com os cronistas, milagres ainda aconteciam, não é de estranhar como um profeta conseguisse arrastar multidões mal armadas, morrendo de fome pelo caminho, para libertar a Terra Santa, Anticristos e Imperadores dos Últimos Dias, podiam chegar a qualquer momento e Carlos Magno, além de outros logo iriam aparecer. Impostores podem chegar a ter poderes consideráveis como o campones bourguinhão que passando-se por Balduino, reúne tropas apossando-se de Flandres. A exaltação dos flagelantes por vezes levou a distúrbios, como aconteceu na sua passagem da Itália para a Alemanha e Flandres. O milenarismo igualitário, é apontado em dois movimentos importantes: no levante taborita na Boêmia, movimento de grande amplitude e duração e na revolta camponesa na Inglaterra (1381), exemplo este apontado como obedecendo também à terceira classificação.

A influência da mobilidade social nos levantes, procura dar o papel de burguesia nascente nos levantes, mostrando ainda o papel da antiga nobreza no manobrar diversos partidos. Nas revoltas de diferentes profissões, a dos açougueiros de Paris é apontada, e como isso foi feito a Simon Caboche pelo duque de Bourgonne, contra os Armagnacs, que depois organizam dura repressão.

O papel da conjuntura nos levantes camponeses e urbanos, é apontado no primeiro caso por quatro exemplos: Flandres marítima, (1323-1328), a *jacquerie*, aliás pelo autor relacionada a Etienne Marcel (1358), Inglaterra (1381) e Aragão (1346-1350).

No segundo caso os exemplos são mais frequentes, mas tratados com bem menos profundidade, com exceção dos Ciompi em Florença (1378) e França (1378-1383).

Como conclusão geral, Fourquin aponta dificuldades no estabelecimento da Problemática, devido a problemas teóricos ligados a psicanálise, psicologia das multidões, etc. Por outro lado a tipologia ressent-se da falta de espaço, não tendo sido citados importantes movimentos. No entanto, Fourquin justifica-se demonstrando a amplitude de sua classificação com o exemplo Escandinavo, com revoltas camponesas ligadas a conjuntura, no caso problemas fiscais. É ainda evocada a distinção entre períodos orgânicos e críticos, de Saint-Simon, reinventada por Comte, Marx, Nietzsche, Durkheim, etc. e aponta a dificuldade de sua aplicação na Idade Média, devido a não corresponder a um período de transição, dando-o como orgânico. Devido a não ter havido sintomas de dissolução social, mesmo no fim da Idade Média, não foi empregado o termo *massa*: "a hora das massas só poderia soar como a destruição das sociedades de Ordens".

CLÉA GOLDMAN.

* *

*